

Lia D Castro

Em todo e nenhum lugar

**textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS**

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

EM TODO E NENHUM LUGAR

Artista e intelectual, Lia D Castro (Martinópolis, São Paulo, 1978) investiga como as relações de raça, classe, gênero e sexualidade se dão em situações de intimidade e vulnerabilidade. A artista utiliza a prostituição como ferramenta de pesquisa e desenvolve sua produção a partir de encontros com seus clientes – homens cisgêneros, em sua maioria brancos, heterossexuais, de classe média e alta – para subverter relações de poder ou violência que possam surgir entre eles, aliando história de vida e história social. Temas como masculinidade e branquitude, mas também afeto, cuidado e responsabilidade, são abordados nesses encontros, que resultam em pinturas, gravuras, desenhos, fotografias e instalações criadas pela artista de modo colaborativo.

A produção de Lia D Castro é organizada em séries, sendo a maior delas *Axs nosxs filhxs*, aqui apresentada. Desenvolvida na sua sala de estar e ateliê, lugar de encontro e trocas comerciais, intelectuais e afetivas, a série parte de um processo criativo marcado por escolhas coletivas, da paleta de cores à assinatura das obras. A repetição é uma característica central: através desse recurso, é possível reconhecer gestos, personagens e situações, assim como outras obras da artista que aparecem representadas nas telas, acumulando significados. A utilização do “x” no título da série se refere à diversidade de formações familiares e vínculos afetivos para além do parentesco consanguíneo ou da família heterossexual nuclear, além de operar como ferramenta para abarcar diferentes gêneros. Esta é a primeira exposição individual da artista em um museu e inclui 36 obras produzidas

entre 2013 e 2024, assim como registros de seu processo de trabalho. O título da mostra parte da constatação acerca da ausência histórica de grupos minorizados em posições de poder e decisão – *em nenhum lugar* –, enquanto sua presença e força de trabalho compõem as bases que sustentam a sociedade – *em todo lugar*. Essa estratificação social, refletida na maneira como a história da arte definiu os papéis de quem representa e de quem é representado, é contestada por Lia D Castro em seu trabalho, ao redefinir essa lógica utilizando-se do afeto, do diálogo e da imaginação como ferramentas de transformação social.

Cisgênero: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, baseado em seu sexo biológico.

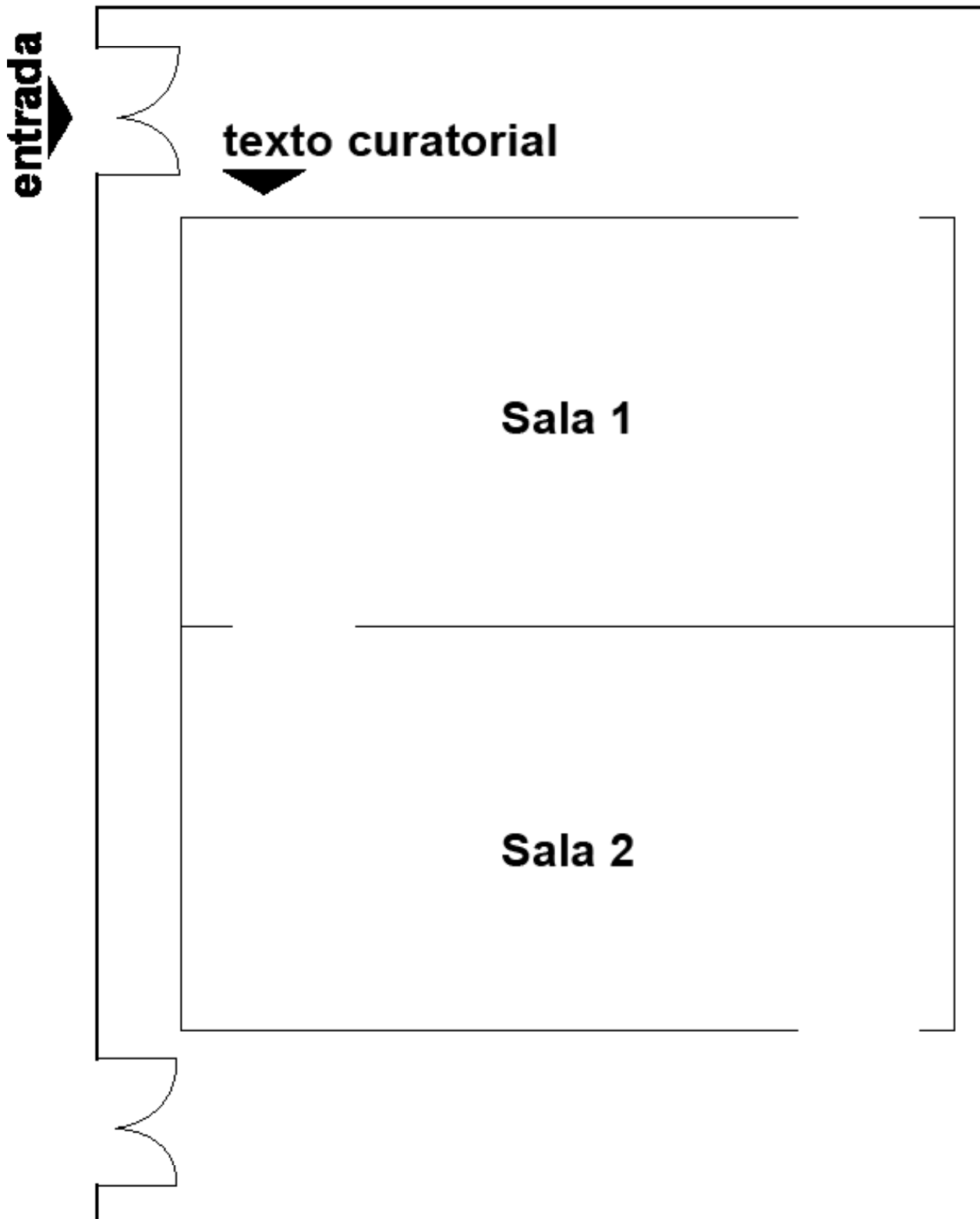
Branquitude: conjunto de benefícios e vantagens

sociais, materiais e simbólicas que pessoas brancas possuem com base na inferiorização de pessoas não brancas.

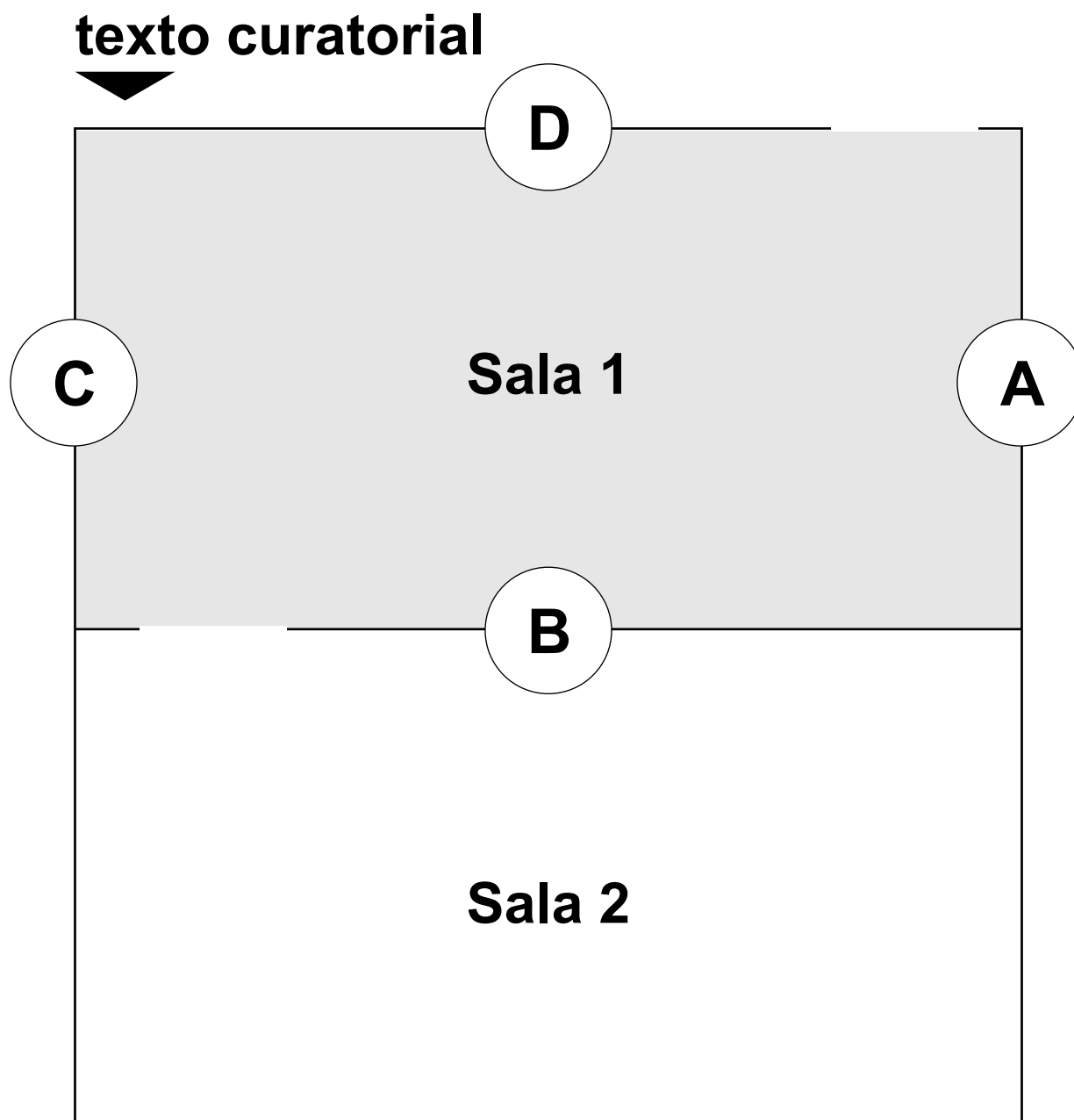
Lia D Castro: em todo e nenhum lugar é curada por Glauceca Helena de Britto, curadora assistente, e Isabella Rjeille, curadora, MASP.

A mostra integra a programação anual do MASP dedicada às *Histórias da diversidade LGBTQIA+*, que inclui exposições de Catherine Opie, Gran Fury, Leonilson, Mário de Andrade, MASP Renner, Serigrafistas Queer e a coletiva *Histórias da diversidade LGBTQIA+*, além de mostras na Sala de Vídeo de Kang Seung Lee, Masi Mamani/Bartolina Xixa, Manuara Clandestina, Tourmaline e Ventura Profana.

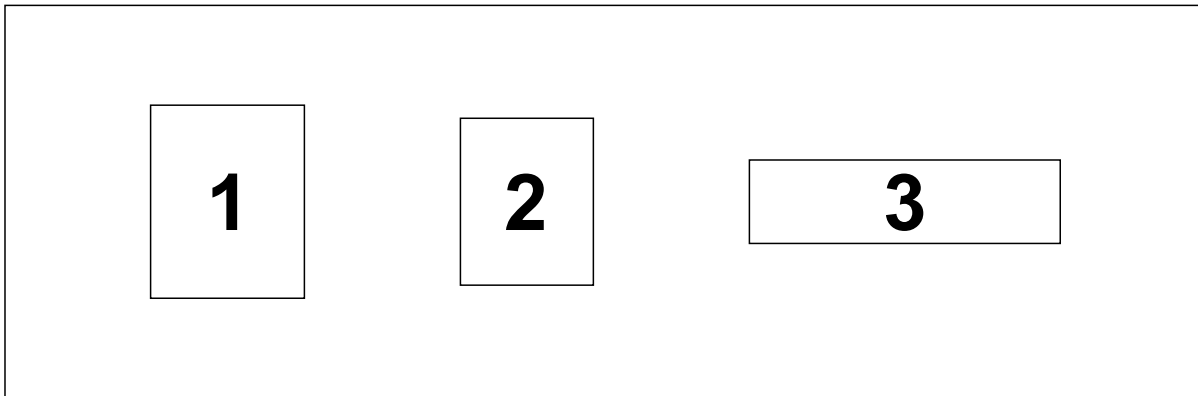
Mapa do espaço expositivo



Sala 1



Parede A



LIA D CASTRO

1. ***Bruno***, da série *Axs nossxs filhxs, natureza morta*, 2021

Acrílica, óleo, grafite e esperma sobre pintura de autoria desconhecida da década de 1980
Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil e
Bruxelas, Bélgica

2. *Brayan*, da série *Axs nossxs filhxs*,
natureza morta, 2017/2019

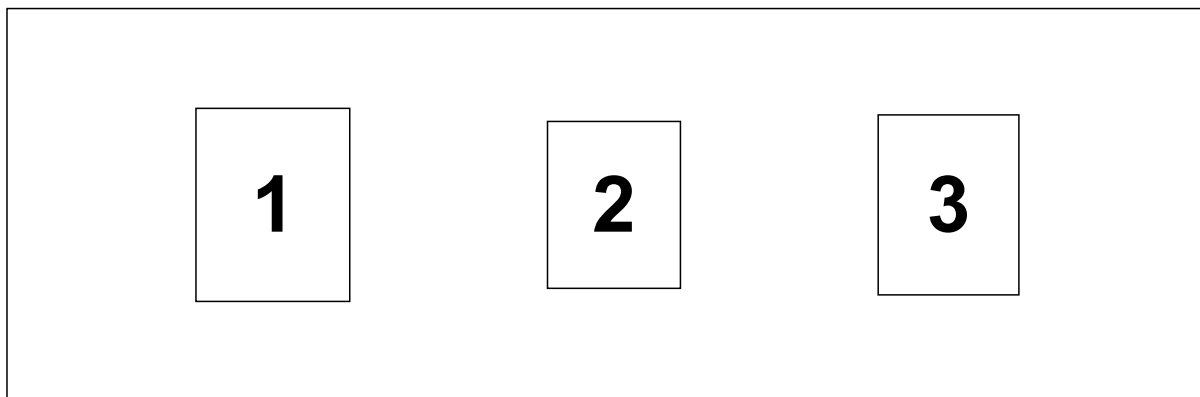
Acrílica, óleo, grafite e esperma sobre tela
Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil,
e Bruxelas, Bélgica

3. Registro do processo de *Axs Nossxs*
Filhxs, 2017 – em processo

Fotografia instantânea

Coleção particular, São Paulo, Brasil

Parede B



Natureza morta, da série *Axs Nossxs Filhxs*

Axs nossxs filhxs é baseada em cenas e diálogos que aconteceram na sala de estar e ateliê da artista, registradas em fotografias instantâneas assinadas por seus colaboradores. Essa série se divide em grupos, como é o caso de *Natureza morta*, iniciado em 2020 após um de seus clientes pedir para ser retratado com os pés sobre uma pintura de flores. A partir daí, D Castro passou a adquirir obras similares em sebos, pintando sobre elas os pés de rapazes criados apenas pela maternidade. A natureza-morta, gênero da

pintura que surgiu na França do século 17, é caracterizada pela representação de objetos inanimados, como flores, frutas, taças e garrafas. Entendida tanto como uma celebração dos prazeres efêmeros (comer e beber) quanto um lembrete acerca da brevidade da vida (apodrecimento das flores e frutos), foi considerada um gênero “menor” por não incluir a figura humana, tornando-se muito praticada por artistas mulheres, que eram proibidas de olhar corpos nus e, portanto, impedidas de estudar anatomia. Ao retomar esse tipo de pintura, D Castro subverte as posições históricas dos lugares de gênero, inserindo o corpo dos rapazes nesse ambiente de efemeridade e prazer, do repouso e da casa.

LIA D CASTRO

1. ***Sem título*** da série *Axs nossxs pais*, *natureza morta*, 2021

Acrílica, óleo e grafite sobre pintura de autoria desconhecida do século 19

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e Bruxelas, Bélgica

Axs nossxs pais é a única obra do conjunto *Natureza morta* que não conta com a colaboração dos clientes de Lia D Castro, mas sim de seus pais. Os pés sobre a pintura de autoria desconhecida são de seu pai (na parte inferior) e de sua mãe (na parte superior). O uso do “x” no título é uma forma de linguagem neutra empregada no português para abarcar diferentes gêneros. Porém, tanto em *Axs nossxs*

filhxs como em *Axs nossxs pais*, o recurso alude à diversidade de formações familiares e vínculos afetivos para além do parentesco consanguíneo e da família cis-heteronuclear. Com essa obra, D Castro inscreve parte de sua história na série *Natureza morta* para ampliar o conceito de família, visto que, pelos pés, não é possível inferir ou hierarquizar uma dinâmica de gênero entre paternidade ou maternidade.

2. *Yuri* da série *Axs nossxs pais, natureza morta*, 2021

Acrílica, óleo, grafite e esperma sobre tela

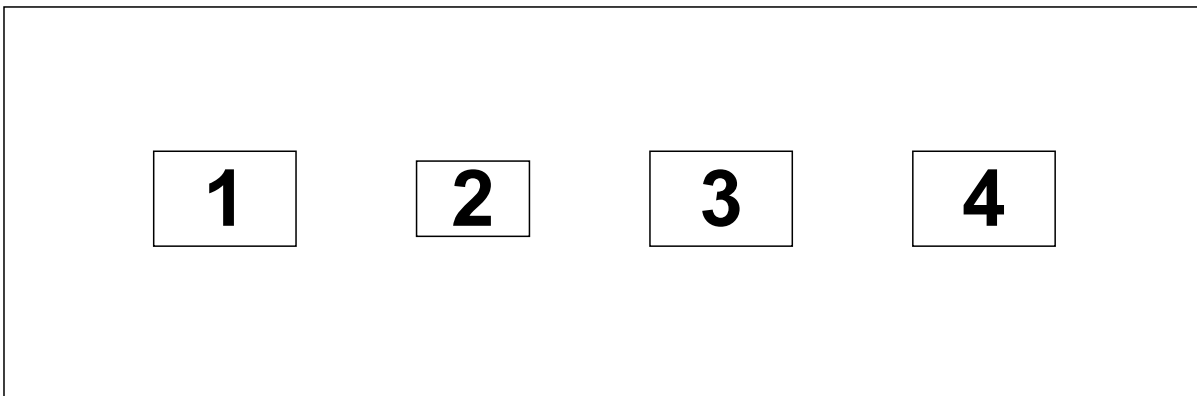
3. *Davi/Hugo*, da série *Axs nossxs filhxs*, *encontro no jardim*, 2021

Acrílica, óleo, grafite e esperma sobre pintura de autoria desconhecida da década de 1980

A obra *Davi/Hugo* integra uma variação da série *Axs nossxs filhxs*, na qual Lia D Castro pinta imagens dos pés de seus clientes sobre telas do gênero natureza-morta; neste caso, de dois rapazes que nunca se conheceram, mas que frequentam sua casa em busca de seu trabalho sexual. Esse grupo foi intitulado *Encontro no jardim*. Na obra selecionada para esta exposição estão os pés de Hugo, um policial branco, e de Davi, um jovem rapaz negro, ambos clientes da artista e criados apenas pelas mães em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Despídos de seus papéis social e historicamente

atribuídos, assim como das diferentes formas de opressão que poderiam atravessar suas vivência, eles são retratados juntos, compartilhando, ainda que simbolicamente, o mesmo “chão”, representado pelas flores da natureza-morta.

Parede C



LIA D CASTRO

1. *Carlos/Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, assinatura em grafite e
esparadrapo sobre tela

Coleção particular, São Paulo, Brasil

2. *Brayan*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2018-20

Acrílica, óleo, esperma, assinatura em grafite e esparadrapo sobre tela

Coleção Cinthia Marcelle, São Paulo, Brasil

3. *Brayan/Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Coleção Alfredo Hertzog, São Paulo, Brasil

4. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2019

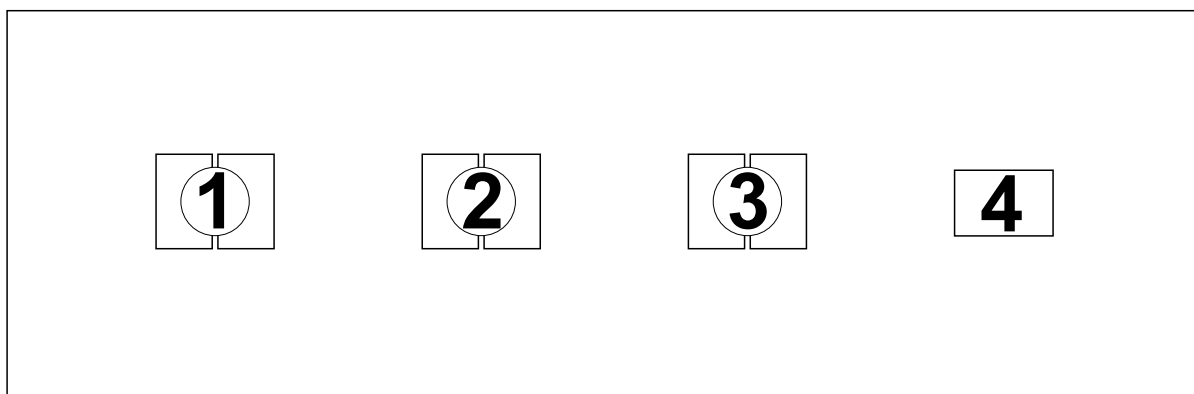
Acrílica, óleo, esperma, assinatura em grafite e esparadrapo sobre tela

Coleção Lourenço Rebetez, São Paulo, Brasil

Axs nosxs filhxs é uma série emblemática do processo artístico e dos temas recorrentes na pesquisa de Lia D Castro. Nela, estão reunidas cenas de interior, com destaque para composições realizadas na sala de estar da própria artista que retratam momentos de encontro, descanso, leitura, contemplação e afeto, com dois personagens ou apenas uma figura solitária, geralmente dispostos em um sofá geometrizado pintado com cores chapadas. Ao fundo, é possível observar uma pintura na parede, um abajur, uma cômoda. A mulher representada é sempre a mesma – Lia D Castro. O ponto de partida para cada cena são os encontros com seus clientes, uma vez que a artista investiga modos de existência e subjetivação através do trabalho intelectual, artístico e sexual. Durante os encontros, mediados por conversas e leituras, esses jovens rapazes são convidados a colaborar com a construção das pinturas,

escolhendo as poses na qual serão retratados, os objetos que vão compor o cenário, as cores utilizadas e, muitas vezes, inserindo sua própria assinatura na tela. Algumas composições finais recebem, ainda, os fluidos corporais trocados durante esses encontros, potencializando a prova de existência daquele momento e da participação de cada pessoa envolvida.

Parede D



LIA D CASTRO

1. *A Travessia do Rubicão*, 2023

Acrílico, óleo, grafite e esparadrapo sobre tela
Coleção particular, São Paulo, Brasil

2. *A Travessia do Rubicão*, 2023

Acrílico, óleo, grafite e esparadrapo sobre tela
Coleção particular, São Paulo, Brasil

3. *A Travessia do Rubicão*, 2022

Acrílica, óleo, grafite e esparadrapo sobre tela
Coleção particular, São Paulo, Brasil

4. *A Travessia do Rubicão*, 2022

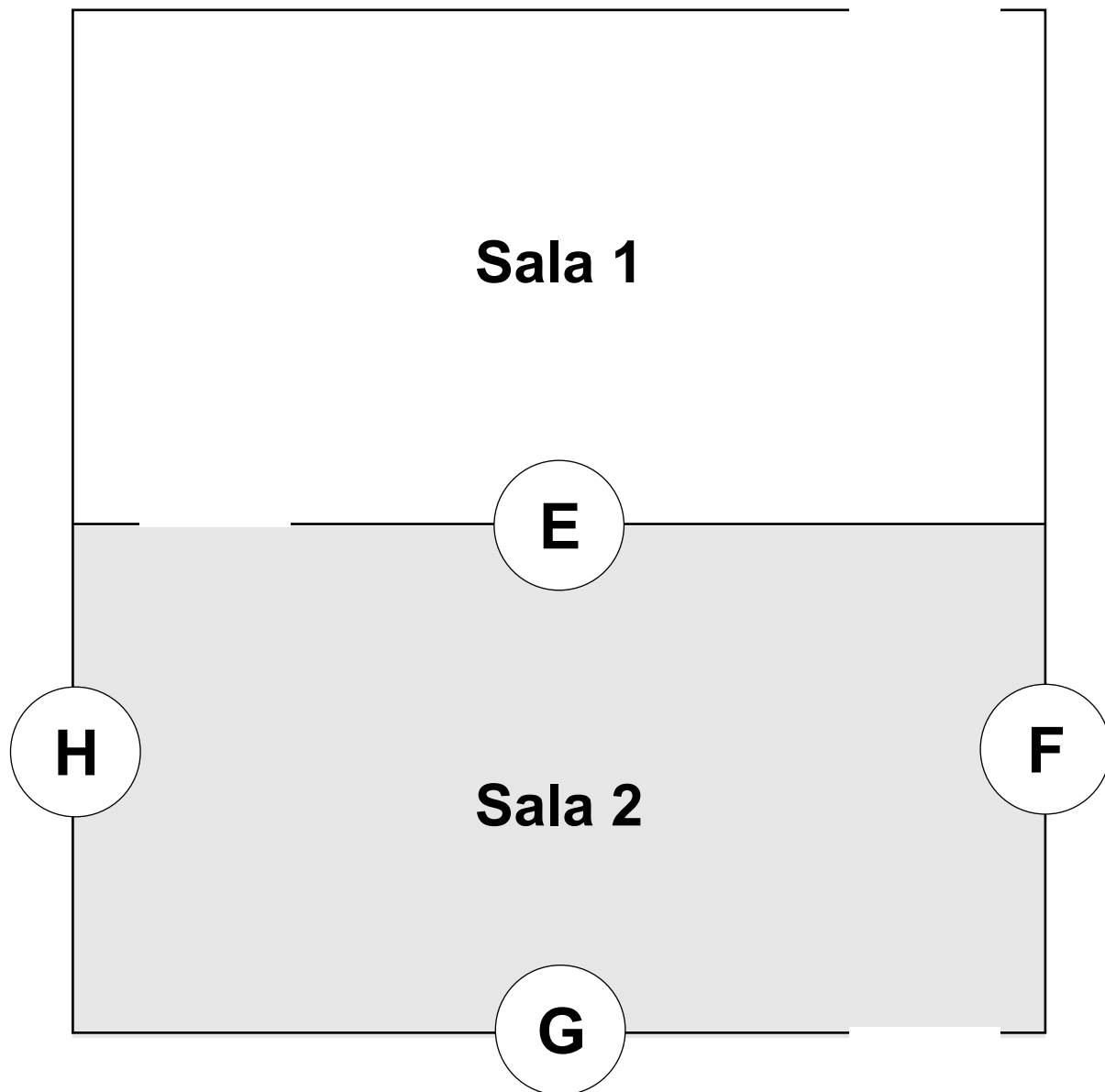
Acrílica, óleo e grafite sobre tela
Coleção Graham Steele e Ulysses de Santi,
São Paulo, Brasil

O corpo em transformação por efeito da terapia hormonal é o tema central da série *A travessia do Rubicão*. O título faz menção a uma passagem histórica de Júlio César, líder militar e político romano, que, ao cruzar o rio Rubicão, considerou ter chegado a um ponto a partir do qual seria impossível fazer o caminho de volta. Assim, a expressão popularizou-se e passou a significar um momento de transição

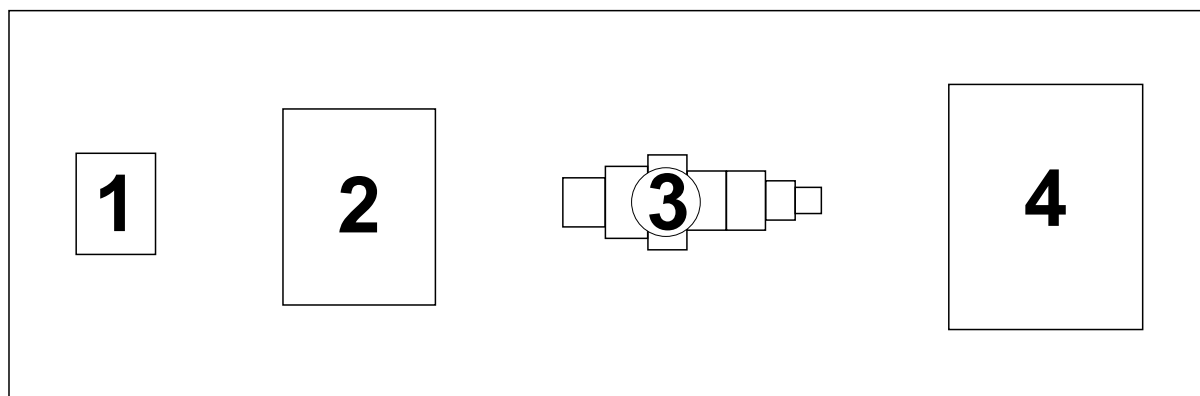
definitiva, sem retorno. A série aqui exibida é a única focada apenas no corpo da artista como princípio ativo do olhar, mobilizado para investigar os processos de mudança das formas biológicas e seus atravessamentos de caráter clínico, mas também socioeconômico, racista e transfóbico. Inicialmente formada por duplas de imagens – a primeira, uma figura feminina que se despe, a segunda, uma única flor disposta em um vaso sobre uma mesa –, a série passou a incluir pinturas individuais dispostas no sentido horizontal, assumindo o corpo como paisagem. Aqui, corpo e flor seguem os respectivos processos de transformação sem retorno. A expectativa de vida de pessoas transgênero no Brasil é de 35 anos, fato denunciado por Lia D Castro ao escolher o tamanho médio das telas dedicadas a este tema.

Sala 2

texto curatorial



Parede E



LIA D CASTRO

1. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Coleção Daniela Moreau, São Paulo, Brasil

2. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Coleção Juliana Siqueira de Sá,
São Paulo, Brasil

3. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Coleção LC, São Paulo, Brasil

4. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2018-20

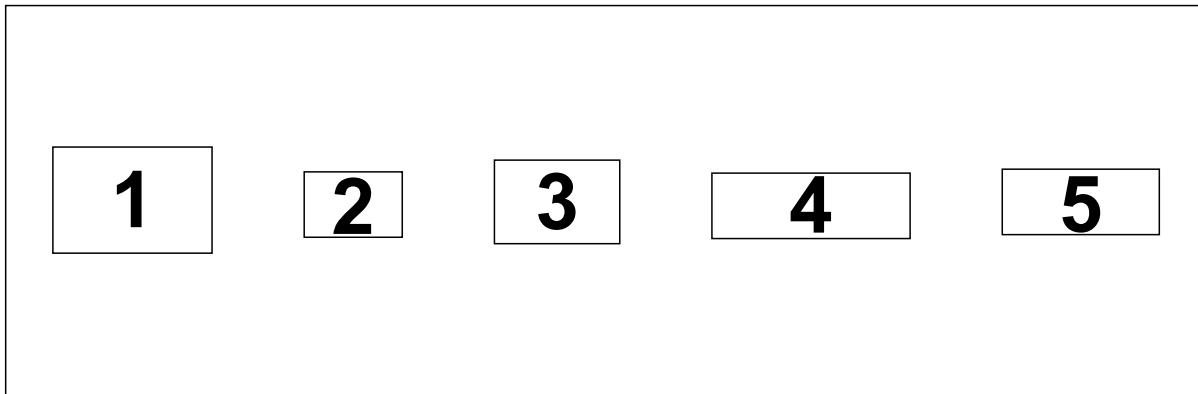
Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil,
e Bruxelas, Bélgica

Fazem parte da série *Axs nossxs filhxs*, as obras que retratam o jovem Davi, o primeiro cliente negro de Lia D Castro, que, até então, havia sido procurada apenas por homens cisgêneros brancos interessados em seu trabalho sexual. Davi é o único cliente da artista retratado diversas vezes de forma similar em um largo conjunto de trabalhos. Apesar da repetição, cada obra traz em si uma sutil variação, seja nas cores, na espessura da tinta, ou em frases e palavras escritas sobre a tela, definidas pela artista em diálogo com o retratado. Esse processo revela o vínculo afetivo, intelectual e subjetivo entre eles e, como consequência dessa participação ativa, D Castro afirma não representá-los, mas apresentá-los. Em algumas obras, Davi pode ser visto observando outra tela da artista, intitulada *Cabeça de branco* (2018), na qual a cabeça de um homem branco é marcada por assinaturas, frases ou palavras associadas ao

reconhecimento da própria branquitude por parte desses clientes. A opção por posicionar Davi em primeiro plano revela a relação de cumplicidade entre ele e a artista nas discussões sobre dinâmicas de gênero e raça que acontecem na sala de estar e ateliê de Lia D Castro.

Parede F



LIA D CASTRO

1. *Brayan*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma, assinatura em grafite e esparadrapo sobre tela

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e Bruxelas, Bélgica

2. *Carlos*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite sobre tela

Coleção Juliana Siqueira de Sá,
São Paulo, Brasil

3. *Clóvis*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo e assinatura em grafite sobre tela (verso)

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e
Bruxelas, Bélgica

4. *Sem título*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma, assinatura em grafite
e esparadrapo sobre tela

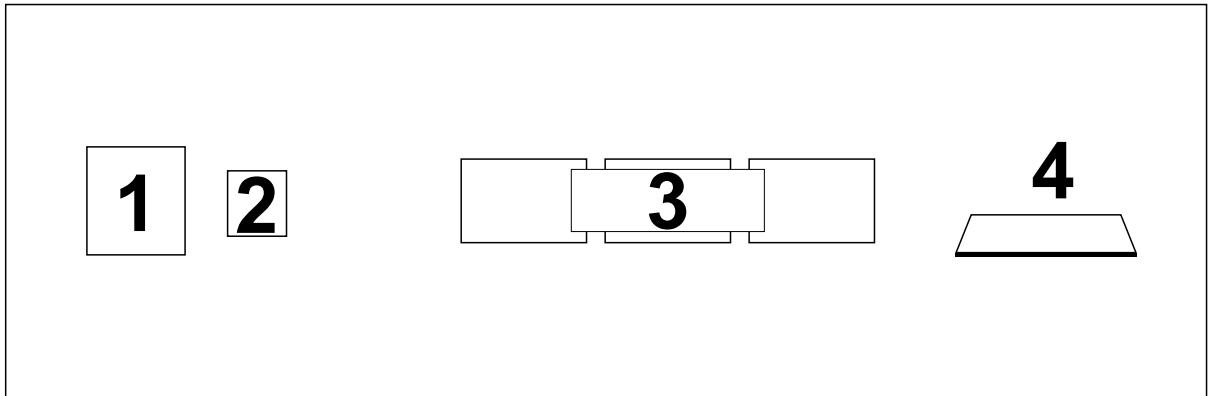
Coleção Juliana Siqueira de Sá,
São Paulo, Brasil

5. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2018-20

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em
grafite sobre tela (verso)

Coleção Daniela Moreau, São Paulo, Brasil

Parede G



LIA D CASTRO

1. *Daltonismo*, 2021

Acrílica, óleo e grafite sobre papel

Coleção Alfredo Hertzog, São Paulo, Brasil

No sentido médico, “daltonismo” refere-se a uma condição genética que afeta a percepção de certos padrões de cor. Entretanto, a escolha desse termo pela artista se refere à tradução para o português da expressão *Color Blindness*

[Cegueira de cor/daltonismo], usada pelo sociólogo Charles W. Mills em seu texto “White Ignorance” [Ignorância branca] (2007). O termo, ainda sem tradução adequada, é utilizado no debate racial estadunidense para se referir à desconsideração do componente racial em atividades práticas e à alegação de uma suposta “igualdade” racial, que ignora os efeitos de anos de discriminação estrutural na distribuição desigual de riquezas e oportunidades. Foi usado por Mills para abordar o “daltonismo estratégico” adotado por pessoas brancas que, ao insistirem nessa suposta “neutralidade”, apagam a história e negam a necessária implementação de medidas de reparação das desigualdades provocadas por um passado colonial e escravagista.

2. *Davi*, da série *Axs nossxs filhxs*, 2021

Acrílica, óleo, esperma e assinatura em grafite
sobre tela

Coleção Silvia Velludo e Marcelo Guarnieri,
São Paulo, Brasil

3. *Triplo do auto/retrato*, da série *Seus filhos também praticam*, 2019-22

Fotografia instantânea, preservativo de látex
e esperma

Galeria Martins&Montero, São Paulo, Brasil, e
Bruxelas, Bélgica

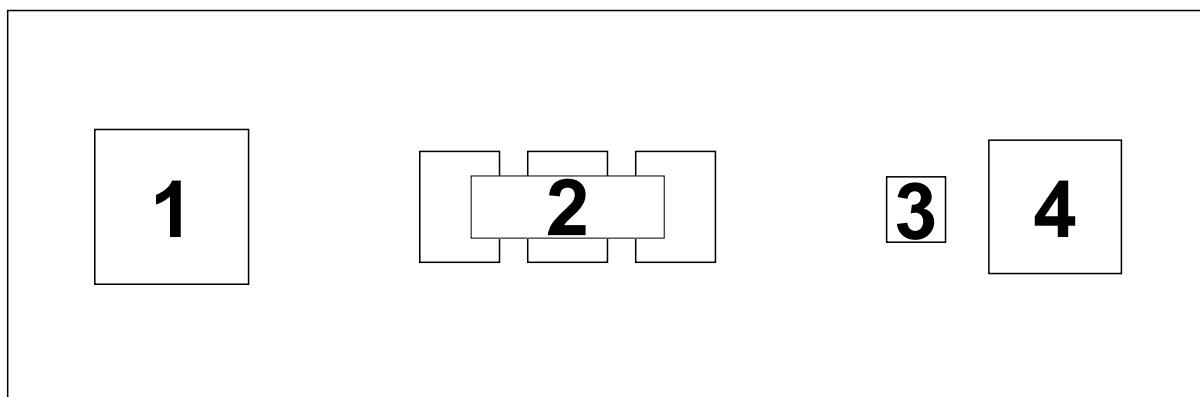
Nos encontros entre Lia D Castro e seus clientes, a prática sexual é seguida de um convite ao diálogo e à leitura de livros teóricos e literários que abordam questões raciais e de gênero, como as obras de Sohaila Abdulali, Misha Glenny e Toni Morrison, citadas nesta série. Frases retiradas de outros livros também aparecem em *Axs nossxs filhxs*, presente nesta exposição. Em uma moldura, um preservativo usado, contendo o DNA dos rapazes, é colocado entre duas fotografias: a primeira mostra parte do corpo de quem esteve com a artista, a segunda, o livro lido naquela ocasião, cujo nome do autor ou autora e o título aparecem destacados em uma placa na moldura. Em *Triplo do auto/retrato*, D Castro reúne registros dos encontros íntimos que perpassam grande parte de suas obras, apresentando seus colaboradores de forma física, afetiva e intelectual.

4. *Caderno de desenho*, 2021

Acrílica, óleo, esparadrapo, fita adesiva microporosa, fita adesiva e grafite sobre papel
Coleção particular, São Paulo, Brasil

Este caderno é um importante registro do processo de Lia D Castro, pois, além de conter uma série de esboços para pinturas da artista, inclui também algumas das bases conceituais de sua obra, como anotações retiradas de suas leituras e diálogos com seus colaboradores. Na capa, há um retrato de Davi, e este caderno pode ser visto com frequência nas mãos da artista ou dos rapazes retratados nas cenas da série de pinturas *Axs nossxs filhxs*. Para esta exposição, o caderno foi digitalizado e pode ser acessado pelos visitantes por meio do tablet presente na galeria.

Parede H



Hipocrisia e carne

As obras reunidas nesta parede pertencem à série *Hipocrisia e carne* (2013), uma das mais antigas nesta exposição. Ela surgiu após o contato da artista com os michês – rapazes trabalhadores do sexo – que frequentavam os cinemas de conteúdo adulto na região do centro de São Paulo que ficou conhecida como “Boca do lixo”. Esse termo foi cunhado pela imprensa nos anos 1940 para se referir a uma região localizada no bairro da Luz que foi tanto um

polo cinematográfico quanto um local ligado à prostituição e ao tráfico e consumo de drogas. Os rapazes retratados por D Castro viviam em condições de grande vulnerabilidade social, muitos deles eram dependentes químicos em situação de rua para os quais o trabalho do sexo se tornou a única fonte de renda. Nas gravuras e desenhos, vemos esses rapazes nus e de costas. Suas mãos parecem tocar o próprio sexo, e seus corpos são definidos pela própria sombra, como se desaparecessem no espaço em branco do papel. Essa sombra, por sua vez, ganha contornos tão nítidos que se torna quase uma segunda presença na cena, aludindo à prática de sexo anônimo que acontece nesses locais.

LIA D CASTRO

1. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2013

Caneta esferográfica e fita crepe sobre papel
Coleção Alfredo Hertzog, São Paulo, Brasil

2. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2013

Gravura em metal
Coleção Alfredo Hertzog, São Paulo, Brasil

3. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2013

Matriz de xilogravura
Coleção particular, São Paulo, Brasil

4. *O michê*, da série *Hipocrisia e carne*, 2013

Xilogravura sobre papel

Coleção particular, São Paulo, Brasil